



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III, GUARABIRA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS INGLÊS**

**RUTH DE OLIVEIRA BENTO**

**A EDUCAÇÃO FEMININA E A SUBVERSÃO DO PAPEL SOCIAL DA MULHER  
VITÓRIANA NO ROMANCE *JANE EYRE*, DE CHARLOTTE BRONTË**

**GUARABIRA, PB  
2019**

**RUTH DE OLIVEIRA BENTO**

**A EDUCAÇÃO FEMININA E A SUBVERSÃO DO PAPEL SOCIAL DA MULHER  
VITÓRIANA NO ROMANCE *JANE EYRE*, DE CHARLOTTE BRONTË**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras Inglês.

**Área de concentração:** Literatura e estudos culturais.

**Orientador:** Prof. Me. Auricélio Soares Fernandes

**GUARABIRA, PB  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B354e Bento, Ruth de Oliveira.

A educação feminina e a subversão do papel social da mulher vitoriana no romance Jane Eyre, de Charlotte Brotë [manuscrito] / Ruth de Oliveira Bento. - 2019.

28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.

"Orientação : Prof. Me. Auricélio Soares Fernandes ,  
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Jane Eyre. 2. Era Vitoriana. 3. Literatura. 4. Educação Feminina. I. Título

21. ed. CDD 305.56

RUTH DE OLIVEIRA BENTO

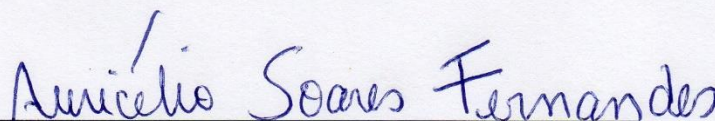
**A EDUCAÇÃO FEMININA E A SUBVERSÃO DO PAPEL SOCIAL DA MULHER  
VITORIANA NO ROMANCE JANE EYRE, DE CHARLOTTE BRONTË**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras Inglês.

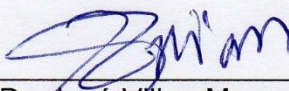
**Área de concentração:** Literatura e estudos culturais.

Aprovada em: 27/11/2019.

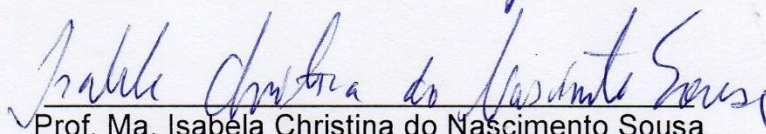
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Me. Auricélio Soares Fernandes (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Viliam Manguiera  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ma. Isabela Christina do Nascimento Sousa  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais e a todos que se mantiveram comigo, por todo amor, carinho, dedicação, paciência e apoio, DEDICO.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	6
2	A LITERATURA DO SÉCULO XIX.....	7
2.1	O romance inglês .....	9
2.2	A autoria feminina na Era Vitoriana .....	10
2.3	Charlotte Brontë e a educação feminina .....	13
3	SUBVERSÃO DE PAPEIS FEMININOS EM <i>JANE EYRE</i> .....	14
3.1	O anjo do lar .....	16
3.2	A preceptora .....	18
3.3	A louca no sótão .....	20
3.4	A <i>femme fatale</i> .....	22
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
	REFERÊNCIAS.....	24

## A EDUCAÇÃO FEMININA E A SUBVERSÃO DO PAPEL SOCIAL DA MULHER VITORIANA NO ROMANCE *JANE EYRE*, DE CHARLOTTE BRONTË

### THE FEMALE EDUCATION AND THE SUBVERSION OF VICTORIAN WOMEN'S SOCIAL ROLE IN THE NOVEL *JANE EYRE*, BY CHARLOTTE BRONTË

Ruth de Oliveira Bento<sup>1</sup>

#### RESUMO

Escrito no período conhecido como a Era Vitoriana, podemos identificar no romance *Jane Eyre*, da escritora Charlotte Brontë, alguns dos parâmetros seguidos pela sociedade britânica durante a primeira metade do século XIX. Como forma de assegurar o controle e autoridade da família enquanto instituição sagrada, a ideia de que a mulher deveria ser submissa ao seu marido veio à tona com mais força, contribuindo para o surgimento da figura do “anjo do lar”, que, por anos, ditou o “ideal” de mulher a ser seguido. Entretanto, a despeito desse arquétipo de anjo, surgiram também outras figuras que subvertiam o papel da mulher na sociedade. Em vista disso, o objetivo desta pesquisa foi identificar e analisar de que forma a educação feminina teve influência na obtenção de emancipação da protagonista, e quais personagens do romance *Jane Eyre* fogem do padrão de anjo, seja por vontade própria, ou por imposição social. Para tanto, através de um levantamento bibliográfico, teóricas como Monteiro (1998), Gilbert e Gubar (2000), Morais (2004) e Woolf (2012) serão utilizadas para dar sustento à pesquisa.

**Palavras-chave:** Jane Eyre. Literatura e Educação Feminina. Era Vitoriana.

#### ABSTRACT

Written in the period known as the Victorian Era, we can identify in the novel *Jane Eyre*, by Charlotte Brontë, some of the parameters followed by British society during the first half of the 19th century. In order to assure the control and authority of the family as a sacred institution, the idea that a woman should be submissive to her husband came out more strongly, contributing to the emergence of the figure of the “angel in the house”, that, for years, dictated the “ideal” woman to be followed. However, despite this archetype of angel, other figures have also emerged that subverted the role of women in society. Considering this, the objective of this research was to identify and analyse how the female education had influence in the emancipation of the protagonist, and which characters of the novel *Jane Eyre* escape from the angel pattern, either by their own will, or by social imposition. Therefore, through a bibliographical survey, theorists such as Monteiro (1998), Gilbert and Gubar (2000), Morais (2004) and Woolf (2012) will be used to support the research.

**Keywords:** Jane Eyre. Feminine Literature and Education. Victorian Era.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba, [ruth.deoliveira98@gmail.com](mailto:ruth.deoliveira98@gmail.com).

## 1 INTRODUÇÃO

Escrito na Era Vitoriana, um período de mudanças no estilo literário e principalmente social e cultural no Reino Unido, no romance *Jane Eyre*<sup>2</sup>, da escritora Charlotte Brontë (1816 – 1855), a protagonista é caracterizada como uma personagem diferente daquelas conhecidas na época, uma vez que a narrativa nos apresenta a uma personalidade mais independente e menos submissa à plena vontade e aos costumes do regime patriarcal da época. Notamos assim, uma distinção entre Jane Eyre e personagens mais romantizadas de obras anteriores, mas não tão distantes de seu tempo, tais quais as irmãs de Elizabeth Bennet, do romance *Pride and Prejudice* (1813), de Jane Austen, que estavam sempre em busca de melhores condições de vida através do casamento com homens ricos, e nunca realmente empenhadas em conseguir ser independentes.

Nesse romance mais aclamado de Charlotte Brontë, Jane Eyre é uma menina órfã que se vê obrigada a viver com a família do tio após a morte de seus pais. Ainda criança, tem de enfrentar a raiva e rejeição de seus familiares dentro da casa onde vive, principalmente no que diz respeito a seus primos, que sempre a maltratam.

A procura de Jane por independência é representada essencialmente quando ela parte em busca de ascensão em sua profissão, indo trabalhar em Thornfield Hall, onde se torna preceptora de Adèle, que mais tarde descobrimos ser filha ilegítima de Edward Rochester, dono de Thornfield. Mesmo sendo tratada com indiferença inicialmente, Jane Eyre torna-se confidente de Rochester, que passa a ter um apreço e se surpreende com sua própria confiança em Jane Eyre. Com o passar do tempo, os dois admitem estar apaixonados e ficam noivos.

No dia do casamento, Jane descobre que seu noivo já era casado e ele propõe que eles fujam juntos e vivam onde ninguém os conheça. Porém, ao invés de simplesmente aceitar tal fato, que feria acima de tudo sua própria moral, ela decide fugir sozinha e iniciar uma nova vida. Mais tarde, após descobrir que havia herdado uma fortuna de um parente falecido, é novamente pedida em casamento, mas mais uma vez, seus princípios não permitem que aceite o pedido de alguém a quem não ama. Ao ouvir a voz de Rochester, decide retornar a Thornfield e se depara com a notícia de que sua primeira esposa estava morta, decidindo casar-se com ele por fim, agora que não haviam mais impedimentos que ferissem sua dignidade como mulher. Rochester, que estava agora cego, torna-se dependente de Jane Eyre.

Apesar das diversas dificuldades enfrentadas pela protagonista, ela evita ao máximo se deixar frustrar por tais acontecimentos. O romance nos mostra como a personagem segue ideias contrárias às da época, de que a mulher deveria apenas servir ao seu marido, e como ela se desvencilha de seus parentes e da concepção de que deveria ser submissa e que não poderia se capacitar para se sustentar, independentemente de estar casada.

Salvo suas próprias atitudes para não se abater diante dos infortúnios de sua vida, não podemos ignorar a tentativa de coibir sua fala e sua liberdade, em especial por parte de sua tia: “Jane, não gosto de espertezas nem de discussões; [...] Sente-se em algum lugar, e até que possa falar de modo agradável trate de ficar em silêncio” (BRONTË, 2014, p. 13). Após perceber que não merecia o menosprezo com que era tratada pela tia, pelos primos e até pelas criadas de Gateshead Hall desde que passou a morar com eles, passa a tomar atitudes que a fazem ser

---

<sup>2</sup> BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. 1 ed. bilíngue ilustrada. São Paulo: Landmark, 2014. 656 p.



chamada de ingrata ou mentirosa por se defender de falsas acusações feitas contra ela.

Ao se mudar para a escola de Lowood, notamos outro ambiente onde tentam controlar suas atitudes, assim como de todas as meninas que ali estudam. Tanto Mr. Brocklehurst, o diretor da escola, quanto as professoras, seguem um sistema de ensino baseado na penitência, com a justificativa de fortalecer o caráter e a moral das alunas. À exceção de Jane Eyre, que consegue compreender as injustiças cometidas, todas as meninas, em especial Helen Burns, são obrigadas a consentir a maneira como são tratadas, pois lhes é dito que apenas sendo dóceis, submissas e conformadas, irão alcançar o mérito de ir para o céu.

É apenas em Thornfield que Jane consegue ter alguma autonomia e mesmo sendo apenas uma preceptora, ou governanta, tem o direito de fazer o que quiser e ir onde precisar por vontade própria. Entretanto, em Moor House, para onde vai ao fugir de Thornfield, pode trabalhar para si própria, conseguindo independência financeira.

Além da protagonista, analisamos também algumas outras personagens femininas e suas formas de encontrar a liberdade através de ações que podem se caracterizar como fora do padrão, como Bertha Mason, primeira esposa de Rochester, considerada louca e presa no sótão.

Este trabalho é desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica, a qual, conforme Praça (2015, p. 82), “busca os resultados baseada em material já publicado, como por exemplo, livros, periódicos, fotos, documentos, cartas etc.” e uma análise qualitativa, que, de acordo com Silveira e Córdova (2009, p. 31), é um tipo de pesquisa que se preocupa “com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.”. Buscamos assim, enriquecer as questões acerca do padrão vitoriano de “mulher perfeita” e a subversão de seus papéis, além de desenvolver um estudo sobre a escrita feminina inglesa no século XIX, através da análise de algumas personagens do romance *Jane Eyre*, contribuindo assim, para as discussões acadêmicas sobre a expressão e reprodução da concepção de mulher em determinado contexto social, histórico e cultural no âmbito literário.

Para atingir nossos objetivos, utilizamos Vasconcelos (2009), Woolf (2018), Dennis (2000) e Greenblatt (2006) para discutir o surgimento e popularização de escritos femininos, assim como Watt (2007) e Lukács (2009) para falar sobre o surgimento do romance num contexto mais geral. Também recorremos a Morais (2004) e Wollstonecraft (2015) para debater a função da educação feminina na obtenção de autonomia das mulheres, além de Gilbert e Gubar (2000) e Monteiro (1998) para abordar alguns dos exemplos de “arquétipos” femininos surgidos no século XIX como forma de resistência à figura do anjo do lar e de que modo estes subvertiam o papel da mulher.

## 2 A LITERATURA DO SÉCULO XIX

Devemos perceber, ao estudar a obra da autora Charlotte Brontë, sua importância e de sua autora para a literatura inglesa, principalmente no que diz respeito à época em que foi escrito, a Era Vitoriana, devido à ocasionada quebra de paradigmas morais, culturais e sociais. Para Vasconcelos (2002, p. 111), desde o século XVIII, mais precisamente após a década de 1740, o romance feminino buscava reformar os costumes da sociedade e quase todos estes, segundo a autora,

[...] podem ser qualificados de didáticos, seja porque tencionassem inculcar nas mulheres o senso de suas obrigações e virtudes, seja porque visassem denunciar seu estado de sujeição e dependência e sua vulnerabilidade.

Ciente do fato de que teria que enfrentar uma sociedade que não aceitaria uma mulher como capaz de escrever uma obra de tamanha relevância como a aqui referida sendo lançada sob o contexto da Era Vitoriana, a autora Charlotte Brontë – assim como suas irmãs Emily e Anne, utilizou-se de um pseudônimo masculino para se camuflar diante das regras sociais que uma mulher deveria seguir, que colocavam-na em posição de subserviência.

Enquanto para os escritores em geral o período teve grande importância, pelo aumento da produção e consumo de literatura, para as mulheres escritoras, a influência foi ainda maior, já que as romancistas passaram a ser melhor aceitas, mesmo que escrevendo, na maioria das vezes, apenas sobre situações cotidianas, visto que eram privadas de experiências diversas fora do lar, diferentemente dos homens, que nunca foram proibidos ou tiveram seus desejos negligenciados.

O conformismo da sociedade referente a mulheres escritoras se deu devido a uma escrita aparentemente inofensiva, que não afrontava as normas sociais vigentes, já que até o século XVIII, os únicos enredos escritos por mulheres dedicavam-se a descrever a busca por um marido. De acordo com Woolf (2018, p. 107),

[mesmo] no século XIX, a mulher vivia quase exclusivamente no lar e com suas emoções. E aqueles romances oitocentistas, por admiráveis que fossem, recebiam uma profunda influência do fato de que as mulheres que os escreviam estavam excluídas, por seu sexo, de certos tipos de experiências.

Apesar de terem temas limitados, graças à oportunidade que as mulheres agora encontravam para escrever, surgiram também protagonistas femininas, como a própria Jane Eyre, que antes eram raramente encontradas em obras de autores homens em um papel que não fosse o de musa ou como personagens secundárias.

Considerado um *bildungsroman*, ou romance de formação, que segundo Massaud Moisés (2004, p. 56), “gira em torno das experiências que sofrem as personagens durante os anos de formação ou de educação, rumo da maturidade [...]”, Jane Eyre conta sua própria história, em forma de autobiografia, retratando “sua vida interior, composta de pensamentos, emoções, sentimentos, ideias, etc., que deflui para o texto e se patenteia ao leitor” (MOISES, 2004, p. 47). Esses tipos de narrativas se popularizaram com a chegada do século XIX, como podemos notar a partir de obras conhecidas, como *David Copperfield* (1850), de Charles Dickens, ou *The Adventures of Huckleberry Finn* (1888), de Mark Twain, que relatam as vivências de seus protagonistas durante seu período de formação.

De acordo com Dennis (2000, p. 7), o gênero romance ganhou maior importância e reconhecimento durante o século XIX, tendo se tornado, nesse espaço de tempo, “a mais sofisticada forma de arte do século” (*tradução nossa*<sup>3</sup>). É interessante notar, ainda de acordo com Dennis (2000), que um dos motivos que influenciou a popularização do romance no período foi o fato de que, durante o processo de industrialização da Inglaterra<sup>4</sup>, houve um aumento na produção literária com as representações dos “valores Vitorianos” seguidos pela classe média, que

<sup>3</sup> Original: “the most sophisticated art form of the century”.

<sup>4</sup> Primeira Revolução Industrial, ocorrida aproximadamente entre as décadas de 1760 e 1820/40.

passou, junto aos pobres, a “fornecer” material aos romancistas e a consumir os novos escritos, que mostravam como era a vida para as diferentes classes e “áreas da sociedade, como a igreja, a política, o Império, entre outros” (DENNIS, 2002, p. 6; *tradução nossa*<sup>5</sup>). Além disso, passou a haver uma preocupação maior com o lado psicológico dos indivíduos, representada através das personagens.

A literatura de autoria feminina, por sua vez, foi rejeitada durante séculos por ser considerada de qualidade inferior àquela escrita por homens. Como já exposto, a única forma que as mulheres encontraram para poder ter alguma credibilidade na literatura foi utilizando-se de pseudônimos masculinos, pois era mais fácil serem aceitas pela sociedade enquanto figura masculina, do que sendo uma mulher escrevendo, mesmo que a qualidade de suas obras fosse do mesmo nível ou até superiores. Porém, durante o século XIX, com a chegada dos romances e a maior acessibilidade do público a livros, as autoras femininas passaram a ser mais aceitas, apesar de lidas inicialmente apenas por outras mulheres, já que as temáticas eram muitas vezes sobre casamento ou assuntos que geralmente não interessavam aos leitores masculinos.

## 2.1 O romance inglês

Até o século XVIII, apenas pessoas integrantes da classe média alta poderiam se dedicar à educação e, conseqüentemente, eram apenas essas que tinham acesso a livros, visto que alguns destes custavam mais do que uma família de classe baixa poderia receber semanalmente. De acordo com Ian Watt (2007, p. 39), “O alto custo dos livros no século XVIII enfatiza[va] o rigor dos fatores econômicos que restringiam o público leitor” e apenas a partir da segunda metade deste século, pessoas da classe intermediária passaram a contribuir para o aumento do público leitor.

Um dos principais fatores que colaboraram para o aumento do público leitor foi o surgimento e avanço do gênero romance, que agora era “a principal atração e sem dúvida foi o gênero que mais contribuiu para ampliar o público leitor de ficção ao longo do século” (WATT, 2007, p. 41). Ainda de acordo com o autor, as mulheres compunham uma grande parcela desses leitores, já que tinham que encontrar uma ocupação para os momentos de ócio que passavam, quando não trabalhavam nas fábricas ou em outros locais, já que não eram permitidas de participar de atividades consideradas masculinas, como os negócios, nem dos mesmos tipos de divertimento (WATT, 2007, p. 41-42).

Outro elemento que pode ter ocasionado a popularização do romance é a aproximação feita do herói romântico com as pessoas comuns. Para Lukács (2009, p. 66),

enquanto o mundo é intrinsecamente homogêneo, os homens também não diferem qualitativamente entre si: claro que há heróis e vilões, justos e criminosos, mas o maior dos heróis ergue-se somente um palmo acima da multidão de seus pares, e as palavras solenes dos mais sábios são ouvidas até mesmo pelos mais tolos.

Essa aproximação era feita através da percepção de que os personagens, assim como os indivíduos, passam por uma espécie de peregrinação em busca do autoconhecimento (LUKÁCS, 2009, p. 82), o que pode ter colaborado para uma

---

<sup>5</sup> Original: “areas in society, such as the church, politics, the Empire, and so on”.

identificação do público para com os heróis românticos e, conseqüentemente, o aumento do consumo de livros, especialmente romances.

A forma biográfica também traz uma extensão dessa ideia de identificação, já que podemos ler os acontecimentos a partir da perspectiva da própria personagem “rumo ao encontro do sentido da vida no autoconhecimento” (LUKÁCS, 2009, p. 83).

Entretanto, apesar de terem se tornado mais acessíveis a boa parte da população, os romances eram menos valorizados artisticamente:

No romance a intenção, a ética, é visível na configuração de cada detalhe e constitui portanto, em seu conteúdo mais concreto, um elemento estrutural eficaz da própria composição literária. Assim o romance, em contraposição à existência em repouso na forma consumada dos demais gêneros, aparece como algo em devir, como um processo. Por isso ele é a forma artisticamente mais ameaçada, e foi por muitos qualificado como uma semi-arte, graças à equiparação entre problemática e ser problemático. (LUKÁCS, 2009, p. 72)

Independentemente de como os críticos o consideravam, o romance não deixou de se popularizar, visto que, como já exposto, era o tipo de escrito mais acessível à população e possuía, normalmente, histórias com as quais o público se identificava, seja pela sua assimilação ao herói romântico, seja pela forma de escrita simplificada, diferentemente das epopeias, que tinham uma linguagem mais rebuscada e por vezes, de difícil compreensão, como em *Paraíso Perdido* (1667), de John Milton.

## 2.2 A autoria feminina na Era Vitoriana

Como visto anteriormente, durante o período de reinado da rainha Victoria, houve um aumento substancial na quantidade de romancistas e, portanto, de novelas e romances produzidos na Inglaterra. Até então, narrativas ficcionais longas eram dificilmente encontradas, sendo os outros gêneros literários, como as epopeias, mais consumidos pelo público das épocas anteriores ao século XIX.

No que se diz respeito às narrativas escritas por mulheres, então, esse número diminuiu ainda mais, visto que, como já dito, a literatura de escrita feminina foi considerada por muito tempo, como inferior àquela produzida por homens. Para Vasconcelos (2002, p. 112),

Algumas romancistas conseguiram escapar das armadilhas de uma sociedade que insistia em negociar a aceitação de suas obras com base na adesão acrítica, por parte delas, ao ideal feminino e construíram uma imagem alternativa de mulher.

É notável a diferença na quantidade e conteúdos escritos por homens e mulheres antes do século XIX. Como podemos perceber, de acordo com Vasconcelos (2002), as obras de algumas autoras só foram aceitas por serem construídas sob um aspecto acrítico, indiferente ao contexto social, cultural e político da época. Ainda conforme a autora, o gênero romântico de escrita feminina passou por dificuldades de se estabelecer no século XVIII, no sentido de que até esse período, as autoras que subvertiam os papéis da mulher na sociedade eram pouco valorizadas. Nas palavras da autora:

Entre o realista e o romanesco, entre o racional e o sentimental, entre o provável e o inverossímil, entre o conformismo e a subversão dos valores patriarcais, o romance se equilibrou precariamente, desenhando retratos

ficcionais de mulheres que procuram recobrir toda a gama de papéis que a sociedade setecentista lhes destinara. (VASCONCELOS, 2002, p. 114)

Percebemos, assim, que as autoras desde o século XVIII se dedicavam à tentativa de se rebelar, através de suas obras, contra o sistema patriarcal vigente, empenhando-se em estabelecer uma estrutura de organização social onde as mulheres tivessem os mesmos direitos que os homens por meio da literatura – esta sendo a única forma pela qual a voz da mulher era ouvida naquele contexto. Segundo Greenblatt (2006, p. 995),

Desde o início do século XIX, o romance era mais do que um meio fértil para a representação de mulheres; as escritoras, pela primeira vez, não eram apenas figuras nas margens, mas grandes autores. Jane Austen, Brontes, Elizabeth Gaskell e George Eliot - todos ajudaram a definir o gênero. [...]

Também devemos considerar a presença do tipo autobiografia que, como já dito, além de aproximar as personagens e suas vivências do público leitor, pode trazer experiências pessoais das autoras para as histórias, fazendo com que estas se aproximem de suas personagens e, dessa forma, também do público, por meio de uma identificação com suas experiências próprias. Como expõe Vasconcelos (2002, p. 114-115),

o romance feminino soube realizar a grande vocação do novo gênero, isto é, a tematização dos embates do indivíduo diante da ordem social. O cunho autobiográfico dessas narrativas, o recurso à experiência pessoal de suas autoras, elas mesmas envolvidas e empenhadas nessa luta pela afirmação de suas aspirações numa sociedade adversa, não diminui sua inegável significação social e sociológica.

A partir destas considerações, levamos também em conta o que Woolf (2014, p. 106), em *Um teto todo seu*, diz especificamente sobre a autora Charlotte Brontë e o romance *Jane Eyre*:

Será que o sexo interferiria de alguma forma na integridade da mulher romancista – essa integridade que considero ser a espinha dorsal do escritor? Bem, nas passagens de *Jane Eyre* que citei, fica claro que a raiva estava corrompendo a integridade da romancista Charlotte Brontë. Ela abandonou sua história, à qual dedicava inteira devoção, para cuidar de mágoas pessoais. Lembrou-se de que estava sendo privada da devoção à própria experiência - foi obrigada a estagnar em um presbitério cerzindo meias, quando o que queria era vagar livremente pelo mundo. Sua imaginação desviou-se do curso por causa da indignação, e nós a percebemos desviar.

Para a autora, Charlotte Brontë se deixou levar por suas próprias experiências e as transpôs em seu romance. De acordo com Woolf, são perceptíveis os sentimentos que a autora deixa transpassar em sua escrita, visto que havia passado por situações semelhantes às de sua personagem.

Charlotte Brontë, reconhecida principalmente por seu romance *Jane Eyre*, um dos mais aclamados da literatura inglesa, escreveu sua principal obra sob o pseudônimo Currer Bell, uma vez que a mulher não era permitida escrever sobre determinados temas, como religião, sexualidade ou até mesmo sobre ser independente. Em *Jane Eyre*, alguns dos temas mais explorados são justamente a hipocrisia religiosa (através de personagens como Mr. Brocklehurst, o diretor da

escola de Lowood) e a independência feminina, que a protagonista alcança ao final do romance.

Através de *Jane Eyre*, a autora consegue abordar certos temas que dizem respeito ao lugar da mulher na sociedade inglesa do século XIX e mostrar que, por diversas vezes, o ideal vitoriano não era tão próximo da realidade. Além de tratar do sujeito feminino de maneira inovadora para o período, a autora também aborda questões de como a religiosidade pode agir de diferentes formas sobre diferentes personalidades, como observamos em três principais personagens ligados direta ou indiretamente à religião (Mr. Brocklehurst, Helen Burns e John Rivers).

De acordo com Monteiro (1998, p. 61), graças à efervescência da religiosidade na Era Vitoriana, foi criado “um ambiente propício para o surgimento de um tipo feminino cujo perfil se pode nitidamente traçar”. Este perfil ficou conhecido como *anjo do lar*, denominação característica das mulheres que seguiam estritamente os limites que lhes eram impostos pelo patriarcado, pelo meio social e pela “moral” vitoriana e que aceitavam ter suas vozes e vontades anuladas, direta ou indiretamente.

É relevante compreender aqui o conceito dessa moral no período vitoriano, que, conforme Morais (1999), pode ser entendida

como o conjunto de respostas, tanto emocionais como intelectuais, a um processo histórico permeado por crises, revoluções e avanços científicos. Eram consideradas virtudes, no século XIX inglês, a disciplina, a retidão (seriedade - *earnestness*), a limpeza, o trabalho árduo, a autoconfiança, o patriotismo, entre outros. As virtudes eram também entendidas em suas conotações sexuais de castidade e fidelidade conjugal, o que gerou a concepção popular do Vitorianismo como obsessivamente puritano em suas caracterizações. (MORAIS, 1999, p. 28; *grifos da autora*)

Para a sustentação dessa moral, se fazia necessário o apoio da população para que se mantivesse o controle das ações dos sujeitos marginalizados, considerados excluídos pela sociedade, como os pobres, e as mulheres em especial.

Em contrapartida, surgiram também no período outras figuras que, diferentemente do “anjo”, não aceitavam ser consideradas inferiores ou menos capacitadas: a figura da preceptora, função que a protagonista exerce depois de passar anos e se profissionalizar na escola de Lowood, é um exemplo de resistência à figura “ideal”, mantendo-se financeiramente independente através do exercício de sua profissão. Podemos então, a partir desse ponto, perceber como Charlotte Brontë revoluciona ao tocar em assuntos tão delicados como este, em pleno século XIX.

Ainda, como defende Virginia Woolf (2014) em seu ensaio *Um teto todo seu*, as mulheres escritoras necessitam ter um lugar próprio para poderem se dedicar à sua escrita. Em outro ensaio, “As mulheres e a literatura” (2017, p. 106), a autora expõe que além disso, as mulheres também precisariam ter tempo livre a seu dispor, além de um certo nível de instrução. Para comprovar tal fato, cita autoras como Jane Austen, Emily e Charlotte Brontë e George Eliot, e diz que “[...] é significativo que, entre as quatro grandes romancistas [...], nenhuma tivesse filhos e duas fossem solteiras”.

Ao nos darmos conta do que a autora intenciona discutir com tais considerações, notamos a real existência dessa necessidade, pois uma mulher que deveria focar suas energias em cuidar do lar, do marido e dos filhos não poderia encontrar tempo para escrever um romance, da mesma forma que não poderia fazê-

lo se não tivesse um nível de instrução adequado ou um lugar em que pudesse escrever.

### 2.3 Charlotte Brontë e a educação feminina

Durante a era vitoriana, a educação feminina se relacionava diretamente ao ensino da moral e da disciplina, tendo surgido durante esse período diversos modelos educacionais, como podemos observar o modelo monitorial no romance de Brontë, que era o sistema que Jane seguia e que irrompeu-se devido ao aumento de trabalhadores nas cidades industrializadas, em consequência da Revolução Industrial, que fez com que o número de habitantes das cidades aumentasse consideravelmente:

[...] aumentou também o número de crianças a comporem o quadro discente das escolas locais; portanto, era preciso oferecer uma educação que fosse barata, ainda que limitada, a esse contingente de filhos de trabalhadores que haviam deixado a obscura pobreza do meio rural por outra, mais visível, das grandes cidades. (MORAIS, 2004, p. 56)

De acordo com Morais (2004), nesse sistema, as alunas que estudavam há mais tempo assumiam a posição de monitoras de turmas iniciantes, desenvolvendo suas habilidades como professoras. Além das novas alunas terem um contato mais facilitado com as monitoras do que com as professoras, as escolas podiam economizar, pois precisavam de menos professores contratados, já que eles apenas fariam a supervisão do desenvolvimento das turmas.

No romance de Brontë, notamos a escola de Lowood como uma escola de caridade (*Charity School*) para crianças órfãs ou que não tinham condições de receber o mesmo tipo de educação que os filhos da classe média-alta e, segundo Morais (2004), eram sustentadas por doações e separadas por sexo – sendo as escolas para meninas baseadas no ensino da moral, religião, disciplina e afazeres domésticos.

Também nessas escolas, havia diversas punições que ocorriam por diferentes motivos e que variavam entre serem trancadas em armários, a serem lavadas em frente à escola, ou até a expulsão, causadas por motivos como “mentir, chegar atrasad[as], ir à escola suj[as], ausência aos cultos da igreja, desobediência etc.”. (MORAIS, 2004, p. 57)

Percebemos a presença dessas punições no romance através da personagem Helen Burns, que sempre sofria com os castigos que lhe eram infringidos por motivos como não ser cuidadosa o suficiente com seus deveres, tendo que aceitar a forma como é tratada, por considerá-la justa, mesmo pensando como Jane sobre ter que aceitar o que lhe é imposto.

As meninas que estudavam e se tornavam monitoras através desse método de ensino tinham a oportunidade de seguir carreira como professoras, preceptoras ou governantas. Nesse sentido, Jane Eyre sentiu a necessidade de conseguir ganhar seu próprio sustento e tornou-se preceptora da jovem Adèle, em Thornfield Hall. Ainda conforme Morais (2004, p. 60),

[a]s governantas cuidavam da educação das crianças até que estivessem com idade suficiente para ingressarem em um colégio ou até que pudessem ter um tutor. Muitas utilizavam métodos de repetição mecânica, porém haviam aquelas que, de fato, haviam tido uma boa instrução e tornavam-se boas educadoras.

Podemos verificar este tipo de ensino no romance com as aulas que a protagonista ministra a Adèle, que tem aulas privadas, até que sua preceptora vai embora e passa, então, a estudar em uma escola só para meninas.

Um outro fator a ser considerado sobre as preceptoras é o fato de que tal profissão era desvalorizada e vemos isto através dos comentários maldosos que a família Ingram, em especial Blanche, faz em relação a suas antigas preceptoras ou governantas, colocando-as em posição de submissão e inferioridade:

‘[...] todos nós as conhecemos: mau exemplo para a inocência das crianças; distrações e conseqüente negligência no dever, por parte dos apaixonados... pacto de confiança entre os dois; segredos acompanhados de insolência... rebelião e confusão geral. [...]’ (BRONTË, 2014, p. 253)

Nos atentamos, assim, para a forma como estas profissionais eram tratadas, sendo consideradas “imorais”, simplesmente por trabalharem sob tais condições.

Além desses fatores, as alunas das escolas para meninas também sofriam com a posição que eram postas diante das masculinas. Boa parte da população apoiava a ideia de que a educação feminina deveria ser diferenciada e pautada, como já visto, nos preceitos da moral e afazeres domésticos. Sobre isso, Morais (2004) continua:

No que diz respeito ao caso da educação, muita controvérsia se estabeleceu entre os educadores que se dividiam, agrupando-se, em maioria, entre aqueles que defendiam a posição *moralmente superior* das mulheres que deveriam permanecer em casa para que a paz e a prosperidade da sociedade vitoriana fossem mantidas. (MORAIS, 2004, p. 65; *grifos da autora*)

Vemos, assim, o ensino das mulheres sendo difundido como algo baseado simplesmente na moral e na “função” das mulheres ao se casar, que seria dominar os afazeres domésticos, para cuidar do marido, da casa e dos filhos. Notamos, desta forma, a falta de perspectiva que era ensinada nas escolas, visto que a maioria das meninas não poderia se dedicar a encontrar uma profissão ou ser independentes – assim como aconteceu com Jane Eyre, que teve que procurar um trabalho, pois não tinha mais (ou acreditava que não tinha) parentes vivos ou um marido que lhe sustentasse e de quem pudesse cuidar, sem se preocupar com seu próprio sustento.

### **3 SUBVERSÃO DE PAPEIS FEMININOS EM JANE EYRE**

Com o advento do anjo do lar e a efervescência de uma religiosidade ainda mais influente sobre as pessoas durante a Era Vitoriana, surgiram também personagens que subvertiam o papel da mulher na sociedade. Por meio de *Jane Eyre*, já notamos a influência do gênero romance sobre a sociedade inglesa do século XIX. Entre outros aspectos, a narração da personagem faz com que sejamos capazes de perceber seus sentimentos em relação aos acontecimentos de sua vida e nos ajuda a refletir sobre e compreender suas atitudes perante tais eventualidades.

Conhecemos as experiências vivenciadas pela personagem através de suas próprias perspectivas, e podemos identificar alguns acontecimentos que, perante a sociedade vitoriana, seriam considerados subversivos ou até “fora das normas” ou do “ideal” para uma mulher no século XIX.



Desde o século XVIII, entretanto, autoras como Mary Wollstonecraft (2015, p. 270) já lutavam para obter a equiparação de direitos entre homens e mulheres, em especial no que diz respeito à educação:

Declarando os direitos pelos quais as mulheres, em conjunto com os homens, devem lutar, eu não tentei extenuar suas falhas; mas provar que elas são uma consequência natural de sua educação e posição na sociedade. Neste caso, é razoável supor que elas irão mudar seus caracteres e corrigir seus vícios e tolices, quando elas forem permitidas a serem livres, no sentido físico, moral e civil.

Deixe que as mulheres compartilhem os direitos e elas irão emular as virtudes dos homens, pois elas devem desenvolver-se mais perfeitamente quando emancipadas, ou justifique a autoridade que acorrenta tal ser fraco ao seu dever.

A luta de Wollstonecraft, no entanto, não foi suficiente para inibir o surgimento e fortalecimento da “moral vitoriana”, responsável pelo desenvolvimento do *angel in the house*.

Em contrapartida, com o surgimento do *angel in the house* como representação da mulher ideal, que servia e obedecia ao marido, sem questionar ou reivindicar seu lugar perante a sociedade, manifestaram-se também outros tipos femininos, opostos ao modelo de “perfeição” criado. As mulheres que não seguiam o arquétipo do “anjo”, ficaram conhecidas como *fallen women*, termo que definia as mulheres consideradas “perdidas”, não se dispostas a viver em função do marido.

A personagem principal de *Jane Eyre* não é considerada uma “mulher perdida”, mas também não é um anjo. Desde criança, percebemos que Jane não se deixa prender às expectativas de sua família e do meio social em geral quanto a obedecer e se comportar como é esperado. Quando desobedecia a tia, era obrigada a ficar presa no “quarto vermelho” como castigo. Ela é mandada para a escola de Lowood por apresentar comportamentos considerados inadequados para uma menina e passa por diversas privações. Na escola, no entanto, consegue também se profissionalizar e assumir a função de preceptora.

Segundo Monteiro (1998), a mulher que não se encaixasse no que era imposto, resumia essas possibilidades a assumir a posição de preceptora (o caso de Jane), prostituta (aqui entendida como um novo nível de *femme fatale*) ou louca, visto que padrões não seriam cobrados de alguém que havia perdido sua sanidade mental da mesma forma que alguém com plena saúde.

Além de Jane Eyre, somos apresentados a outras personagens que não cumprem com os deveres que lhes são impostos pelo meio social do período e que, portanto, não ocupam o mesmo lugar que qualquer outra “boa esposa”. Bertha, a primeira esposa de Rochester, é enclausurada no sótão por ser considerada louca e proibida de conviver em sociedade.

*The madwoman in the attic*, como ficou conhecida Bertha através de Gilbert e Gubar (2000), pode ser considerado um outro termo para definir as *fallen women*. Bertha, que como já dito, não se detém aos paradigmas sociais, tenta se libertar de suas correntes físicas e psicológicas, fugindo do sótão em que se encontra presa. O sótão é aqui interpretado também como a expressão do regime patriarcal, que a prende não só física, mas também psicologicamente.

Podemos perceber, assim, a presença de lugares fechados (o quarto vermelho e Lowood, para Jane e o sótão para Bertha) como representação do patriarcado da época, que as prendiam e tentava impedir que realizassem suas próprias vontades e que ocupassem seus lugares na sociedade. Percebemos

também as semelhanças entre Jane e Bertha, quando nenhuma das duas se conforma com sua prisão, que lhes quer definir como loucas e recusam o papel de vítima, sempre tentando se libertar e não se conformando com o que lhes é imposto, como explicita Monteiro (1998, p. 65), “o que parece mais importante para ela é recusar o papel de vítima”.

Além dessas personagens, percebemos também a presença de uma outra figura bastante presente no contexto da época: a *femme fatale*. Celine Varens, mãe de Adèle, havia sido uma dançarina de ópera francesa por quem Rochester se apaixonara. Enquanto conta sua história a Jane, notamos características atribuídas às *fallen women*, que buscavam seus próprios meios de sobrevivência, sem ser um exemplo do que a sociedade considerava moralmente aceitável. Rochester, falando diretamente a Jane, conta:

Miss Eyre, acredite que fiquei tão envaidecido por essa preferência daquela sílfide gaulesa por seu gnomo inglês que a instalei em um hotel; dei-lhe uma equipe completa de empregados, uma carruagem, casimiras, diamantes, rendas, etc. [...] (BRONTË, 2014, p. 201)

Mais uma vez, assim como quando para descrever Bertha, as palavras que Rochester utiliza para se referir a Celine dizem muito sobre suas concepções a respeito das mulheres. O termo “sílfide gaulesa” nos faz estabelecer uma conexão com um espírito mitológico do ar, que conforme Chevalier e Gheerbrant (2015, p. 20-21), pode indicar um estado de liberdade, tornando-se “leve, claro e vibrante”. Podemos determinar também uma semelhança da descrição de Celine com *La Belle Dame sans Merci: A Ballad* (1818), poema de John Keats (GREENBLATT, 2006, p. 899-900) que descreve uma mulher com o poder de encantar os homens.

Também a partir das descrições de Rochester, identificamos em Celine Varens alguns atributos das mulheres que conseguiam sobreviver a partir de seus próprios métodos, sendo chamadas por alguns de “prostitutas”, por seguirem o que acreditavam ou o que lhes era proporcionado fora do casamento.

Também devemos nos atentar, ao observar estas personagens, a existência de figuras secundárias, mas que também têm sua importância no decorrer da história, como Mrs. Eyre, a mãe de Jane Eyre, que foi deserdada pelo pai por decidir casar-se com alguém de menor poder aquisitivo.

### 3.1 O anjo do lar

O “modelo” de mulher ou “anjo” pode ser observado em obras como *The Angel In The House* (1858), de Coventry Patmore, que deu origem ao termo. Patmore defendia a ideia de que a mulher deveria ser bela como um ornamento, cujo propósito é enfeitar a casa, além de ser dócil e submissa, tendo como principal função satisfazer as vontades do marido. Como podemos observar neste trecho do poema, a beleza era um dos fatores que mais se destacavam entre os “identificadores” de um anjo do lar:

[...]  
Tudo o que corre, voa, mergulha ou cava,  
Todos tiram para ela seus ornamentos,  
O que combina com ela melhor do que com eles;  
E todos, assim seu poder de doar,  
Provando seu direito de pegar, proclamar  
Sua prerrogativa clara de beleza

[...]. (PATMORE, 1858, p. 50-51; *tradução nossa*<sup>6</sup>)

Virginia Woolf, em seu ensaio “Profissões para mulheres” (2012, p. 13), questiona e nos apresenta uma visão contrária à concepção da “mulher perfeita”, descrevendo ainda a forma como ela se libertou de tal conceito, ao perceber que o “anjo” estaria lhe tirando a liberdade de escrever o que quisesse:

Se eu não a matasse, ela é que me mataria. Arrancaria o coração de minha escrita. Pois, na hora em que pus a caneta no papel, percebi que não dá para fazer nem mesmo uma resenha sem ter opinião própria, sem dizer o que a gente pensa ser verdade nas relações humanas, na moral, no sexo. E, segundo o Anjo do Lar, as mulheres não podem tratar de nenhuma dessas questões com liberdade e franqueza.

É notável a forma como Woolf descreve sua libertação do anjo, ainda mais considerando a relação que há entre sua escrita e o bloqueio que o anjo a causava. Devemos, então, levar em conta que a autora teve a possibilidade de se posicionar como um ser autônomo, capaz de desvencilhar-se do que a impedia de evoluir em sua carreira como escritora e expor a sua opinião sobre as relações humanas, a moral e o sexo, assuntos proibidos às mulheres até então.

O romance *Jane Eyre* apresenta personagens com características marcantes e diversas peculiaridades, que nos ajudam a perceber as complexidades de seu enredo e algumas dessas personagens se encontram de certo modo, ligadas à religiosidade. Na narrativa de Brontë, podemos perceber a existência da crescente influência religiosa através da escola de Lowood, para onde a protagonista é obrigada a se mudar pela Mrs. Reed. O ensino no local é baseado na leitura da Bíblia e na moral cristã.

Além de não ser o ideal de personalidade ou aparência física que era esperado, Jane Eyre também não seguia o que lhe era imposto como regra pela tia ou pelos primos: deveria ser dócil, bela e obediente; ao invés disso, não obedecia como lhe era mandado, não lhe interessava os gostos comuns, era “desrespeitosa” com a tia e os primos, além de não acreditar ser justa a maneira inferior como era tratada; embora precisasse aceitar, uma vez que era sempre lembrada que vivia ali apenas de favor.

Em Lowood, Jane conhece Helen Burns, que a influencia de maneira que percebemos uma mudança nas concepções de Jane a respeito da religiosidade, mesmo hesitando sobre a certeza da existência de um Deus ou de um lugar celeste, sempre se questionando:

‘Onde está Deus? O que é Deus?’ [...]  
 ‘Tem certeza então, Helen, que existe mesmo um lugar como o céu, e que nossas almas vão para lá quando morremos?’ [...]  
 ‘Onde ficará esse lugar? Será que existe?’. (BRONTË, 2014, p. 117-119)

---

<sup>6</sup> Original:

“[...]  
 Whatever runs, flies, dives, or delves,  
 All doff for her their ornaments,  
 Which suit her better than themselves;  
 And all, by this their power to give,  
 Proving her right to take, proclaim  
 Her beauty's clear prerogative  
 [...].

Levando em consideração os questionamentos de Jane, podemos pensar nas concepções da personagem sobre a época em que se passa a história, quando a influência religiosa cristã era tão significativa para o contexto.

Identificamos em Helen Burns algumas das características do anjo do lar: é subserviente, segue as normas, e não reclama quando sofre alguma punição, pois acredita que seja justo, sofrendo em silêncio, como uma mulher considerada ideal deve se comportar:

Quando voltei ao meu lugar, a professora estava justamente dando uma ordem cuja importância não percebi; Burns, no entanto, levantou-se imediatamente e, indo até a salinha interna onde ficavam os livros, voltou um minuto depois carregando nas mãos um feixe de galhos atados na ponta. Com uma cortesia respeitosa, apresentou este nefasto utensílio a Miss Scatcherd. Então, quietamente e sem que fosse preciso mandar, ela tirou o avental. A professora, de forma rápida e agressiva, infringiu-lhe uma dúzia de vergastadas no pescoço com o feixe de galhos. Nenhuma lágrima caiu dos olhos de Burns; [...] (BRONTË, 2014, p. 79)

Ainda que pobre, vivendo em uma escola de caridade e sem uma família que lhe ajude, a índole de Helen condiz com aquela seguida pelos anjos do lar; porém, ela suporta as adversidades pelas quais passa devido a um pensamento ligado à religiosidade: “[...] a Bíblia diz que devemos pagar o mal com o bem” (BRONTË, 2014, p. 83-85). Se tivesse vivido o suficiente para casar-se, é possível que seguisse os ideais da época, servindo ao marido, à casa e aos filhos, sem se impor ou se opor ao que fosse.

Além de Helen Burns, a maioria das personagens secundárias se encaixa no perfil do anjo do lar: Eliza e Georgiana Reed, desde pequenas, são descritas como belas meninas, dignas de piedade se necessário: “[...] uma beldade como Miss Georgiana causaria mais compaixão numa situação semelhante.” (BRONTË, 2014, p. 39)

Outra personagem que apresenta tais características é Blanche Ingram, que se encaixa claramente nas descrições do anjo, sendo bela, e aparentemente disposta a se provar uma boa opção para Rochester ao dizer que não se importa em se casar (pelo contrário, prefere) com alguém de beleza inferior a sua, pois almeja total admiração (BRONTË, 2014, p. 255), como se fosse apenas um adorno ou um “prêmio” para o marido.

Apenas uma das características em comum presentes nas outras personagens se destoa das descrições de Helen: o estereótipo da futilidade feminina. Enquanto Helen obedece às ordens e segue as normas da escola por questões religiosas, as outras seguem os padrões por ser o esperado que façam. Helen também demonstra uma natureza generosa e benevolente, que não é seguida pelas outras personagens.

### 3.2 A preceptora

Jane Eyre, durante toda sua vida, passa por diversas dificuldades que vão desde tornar-se órfã cedo e sofrer a rejeição da família, até perder sua única amiga enquanto estudava em Lowood. Ainda que tenha passado por essas situações, aprende a lidar com os acontecimentos negativos que lhe ocorrem e utiliza-os para poder seguir em frente.

Jane Eyre, assim como Woolf (2012) reitera, se faz libertar do “anjo”; porém ela o faz inconscientemente desde cedo, já que, ainda criança, não aceita ordens ou

ser menosprezada por ser considerada “menos importante” que os primos. Além de não sermos capazes de identificá-la no arquétipo de “anjo” por não agir como é esperado de uma mulher, suas características físicas são descritas como fora do ideal: “[...] ‘se ela fosse uma menina bonita e gentil, podíamos ter pena de seu abandono; mas ninguém pode realmente ligar para uma pestinha dessas.’” (BRONTË, 2014, p. 39)

Comentar sobre sua aparência física se torna importante devido à ligação feita entre a beleza e a condição social das mulheres vitorianas, que deveriam se dedicar ao máximo em manter sua aparência para que pudessem servir como “objeto de decoração” para seus maridos.

Diferentemente de Helen Burns, Jane tem um instinto de revolta e justiça com as atitudes e pessoas que a fazem sofrer: “Devo desprezar aqueles que, não importa o que eu faça para agradá-los, continuam a me ferir. Devo resistir àqueles que me punem injustamente [...]” (BRONTË, 2014, p. 85)

Percebemos também sua revolta com as limitações impostas pela sociedade quando expõe seu anseio por liberdade e por novos “acontecimentos, vida, fogo, sentimentos e emoção” (BRONTË, 2014, p. 155), que desejava em sua nova vida. Também notamos sua indignação com o modo como as mulheres eram tratadas:

[...] Supõe-se que as mulheres devem ser bem calmas, geralmente, mas elas sentem o mesmo que os homens. Precisam de exercício para suas faculdades mentais, e campo para os seus esforços, tanto quanto seus irmãos. Sofrem com restrições muito rígidas, com a estagnação absoluta, exatamente como os homens devem sofrer na mesma situação. E é uma estreiteza de mente de seus companheiros mais privilegiados dizer que elas devem ficar limitadas a fazer pudins, tricotar meias, tocar piano e bordar bolsas. É insensatez condená-las, ou rir delas, se procurarem fazer mais ou aprender mais do que o costume determinou que é necessário ao seu gênero. (BRONTË, 2014, p. 157)

Mary Wollstonecraft por sua vez, nos mostra já em 1792, ao publicar *Reivindicação dos direitos das mulheres*<sup>7</sup>, como é possível revolucionar conceitos e pensamentos da sociedade patriarcal através da educação e autonomia das mulheres, exigindo os mesmos direitos concebidos aos homens.

Observamos em Jane Eyre, desde criança, uma aptidão para a leitura e intelectualidade, que fica clara sempre que vai à biblioteca do tio. Porém, após o incidente do quarto vermelho<sup>8</sup>, onde sofre um aparente ataque de pânico, não quer mais ler ou fazer qualquer outra coisa que lhe agrade, pois tudo agora lhe parece triste:

Bessie perguntou-me se queria um livro: a palavra livro agiu como um estímulo temporário, e pedi-lhe que trouxesse As Viagens de Gulliver da biblioteca. Havia lido esse livro muitas e muitas vezes com encantamento. Eu o considerava como uma narrativa real, e descobri nele um interesse mais profundo do que eu encontrava nos contos de fadas: [...] Ainda assim, quando esse amado volume foi colocado em minhas mãos – quando folhee suas páginas, e procurei nas suas figuras maravilhosas o encantamento que até agora nunca deixara de encontrar ali – tudo era estranho e melancólico [...]. (BRONTË, 2014, p. 31-33)

<sup>7</sup> *A Vindication of the Rights of Woman: with Strictures on Political and Moral Subjects*, originalmente publicado em 1792.

<sup>8</sup> O quarto vermelho pode representar um símbolo que denota o medo e o aprisionamento feminino.

É possível notar como Jane Eyre se identifica com a leitura e a ficção, porém tem esse prazer abalado após sofrer um trauma e por encontrar-se deprimida devido ao lugar onde se encontra, vivendo com pessoas que a desprezam. Constatamos, assim, uma frustração da personagem com o ambiente e, conseqüentemente, com a arte e com a própria vida. Apenas após sua mudança para a escola de Lowood, volta a desenvolver suas habilidades para a leitura. Apesar de também sofrer restrições e privações na escola, é lá também que desenvolve suas habilidades para a docência.

A partir do período que passa na escola, Jane torna-se uma preceptora, e vai ensinar a pequena Adèle em Thornfield Hall. Notamos nesta personagem características de independência e autonomia, quando decide por si própria seguir o caminho de sua profissão. Ao abandonar Lowood para viver de seu trabalho, percebemos na personagem a vontade de procurar melhorias em sua vida, buscando uma forma de não depender de ninguém. Para a personagem, o que importa é conseguir ser livre o suficiente para poder tomar suas decisões, sem a imposição das vontades de outras pessoas.

Notamos sua imposição quando perguntada por Rochester se não está servindo a estranhos e ela responde que é uma mulher independente (BRONTË, 2014, p. 623). Antes mesmo de lhe informar sobre sua atual riqueza, Jane Eyre deixou clara a informação que mais lhe importava: era agora uma mulher livre, que não precisaria servir a mais ninguém.

Antes de receber a fortuna deixada por seu tio, entretanto, a protagonista já havia conquistado um nível de autonomia considerável, devido à sua profissão. Vivida de seus próprios ganhos e poderia decidir o que fazer em todos os aspectos de sua vida, como percebemos quando ela rejeita dois casamentos (com Rochester e com John Rivers) e vai morar sozinha, situação incomum às mulheres da época. Com a percepção desse perfil de mulher, identificamos outra forma de subversão do padrão de anjo do século XIX: mulheres que se dedicavam a suas profissões (neste caso, a preceptora, pois era uma das poucas profissões onde as mulheres eram aceitas) para alcançar sua liberdade social e financeira.

### 3.3 A louca no sótão

Além da própria Jane, podemos também identificar, no romance, outras personagens que não se atém exclusivamente à vida de esposa: Bertha, com quem Rochester era casado, é considerada louca, e, por isso, é mantida presa no sótão, sem poder conviver em sociedade. Para alguns autores, tais quais Gilbert e Gubar (2000), que a nomeiam *The Madwoman in the Attic*, a loucura de Bertha pode ser entendida como uma forma de manifestar sua raiva para com a sociedade. A raiva não poderia ser associada à mulher vitoriana, visto que a mulher “ideal” não expressaria um sentimento tão intenso e se o fizesse, só poderia ser considerado como loucura.

Bertha esforça-se, desta maneira, para se libertar tanto de sua prisão física – ao tentar fugir de seu confinamento –, quanto psicológica – se interpretarmos o sótão como um retrato simbólico do regime patriarcal e suas correntes da época. Ao revelar que mantinha sua esposa presa no sótão em segredo, Rochester tenta justificar seus atos, dizendo que Bertha havia enlouquecido aos poucos e que era inconcebível manter uma conversa com ela:

[...] não poderia haver uma conversa cordial entre nós, porque, não importa o assunto que eu escolhesse, imediatamente recebia respostas grosseiras e

banais, perversas e imbecis; quando percebi que nunca mais conseguiria uma governanta para a casa, pois nenhuma empregada aguentaria os acessos do seu temperamento violento e desarrazoado, ou o tormento das suas ordens absurdas, contraditórias e exigentes. [...] (BRONTË, 2014, p. 437)

Atentamos para as palavras que Rochester utiliza para referir-se a Bertha e suas atitudes: grosseiras, perversas e imbecis; todos adjetivos de conotação negativa, que mostram como ele se encontrava descontente com o casamento, uma vez que sua esposa não era dócil, sensível, delicada e quieta, como esperava-se.

A partir da história narrada por Rochester, podemos notar uma gradação referente ao comportamento de Bertha. De acordo com ele, ela começou desenvolvendo um temperamento grosseiro e violento com ele e com as governantas; depois, passou a criar vícios e a xingar o marido, de modo que um anjo do lar jamais faria:

[...] Seu temperamento se exacerbava e se expandia com uma assustadora rapidez. Seus vícios brotaram e cresceram muito depressa, eram tão violentos que apenas a crueldade era capaz de contê-los, e eu não era capaz de usar a crueldade. Que intelecto anão e que tendências gigantescas ela tinha! Como eram medonhas as maldições que atirava sobre mim! Bertha Mason, a legítima filha de uma mãe infame, arrastou-me a todas as agonias abomináveis e degradantes que deve suportar um homem ligado a uma esposa aí mesmo tempo descontrolada e dissoluta. (BRONTË, 2014, p. 437)

Além das palavras negativas que utiliza para aludir à esposa, Rochester também insinua que a mãe de Bertha era infame, o que pode ter relação com sua condição mental, com o fato de Rochester querer justificar suas ações para com a esposa ou, ainda, ser uma insinuação de que a mãe de Bertha, assim como a filha, não era um “anjo”, como era esperado, se encaixando no padrão de *femme fatale*.

Por fim, explica que por sua esposa encontrar-se louca, não poderia procurar um meio legal se “libertar” dela, decidindo mantê-la trancada no sótão, onde ninguém saberia de sua existência, até que seu irmão apareceu:

[...] E eu não podia me libertar desse peso por nenhum meio legal, pois os médicos descobriram então que MINHA ESPOSA estava louca - seus excessos haviam desenvolvido prematuramente os germes da insanidade. [...] (BRONTË, 2014, p. 437)

Nota-se também a utilização por parte de Rochester do pronome possessivo “MINHA” com maior ênfase, como que para mostrar que ela é sua posse, apesar de não a encontrar como o ideal para si. Em todas as passagens citadas, entretanto, temos apenas o ponto de vista de Rochester para explicar se tais fatos realmente aconteceram ou se foram da mesma forma que descreveu.

No entanto, através de suas explicações, é perceptível o aumento das ações violentas de Bertha, sempre que relacionadas a seu marido. Identificamos assim, em Bertha Mason, uma outra personalidade que fugia do perfil do anjo do lar, que buscou, através da loucura, a libertação de um matrimônio que ocorreu sem a vontade de nenhuma das partes.

### 3.4 A *femme fatale*

Ainda que não apareça como personagem no romance, uma das mulheres citadas apenas uma vez em *Jane Eyre* é Celine Varens, mãe de Adèle, uma dançarina de ópera francesa com quem Rochester mantinha um relacionamento quando ia a Paris. Conforme Rochester explica, durante o tempo que passou nesse relacionamento, a presenteou com diversas joias, roupas e até com um lugar para viver, com empregados e transporte para quando precisasse.

Por meio da personalidade de Celine, identificamos um outro perfil comum entre as mulheres do século XIX que não se encaixavam no modelo de anjo do lar. A *femme fatale* pode ser uma mulher que se nega ao casamento por opção própria, ou que decide viver dessa forma por não ser possibilitada de vivenciar um casamento. Relacionamos, mais uma vez, a *femme fatale* ao poema *La Belle Dame sans Merci: A Ballad*, de John Keats, no qual a mulher é descrita como um ser selvagem, com liberdade para exercer sua sexualidade.

Essas mulheres normalmente têm a sexualidade mais aflorada, muitas vezes se utilizando da sedução para conquistar seus objetivos, já que não precisam se preocupar com a sociedade lhes criticando da mesma forma que as outras mulheres. Entre essas mulheres, encontram-se as prostitutas, que obtêm, por meio do sexo, uma forma de sustento e que, assim como a preceptora, encontram sua autonomia através de seu trabalho. Para Foucault (2015, p. 7), durante a Era Vitoriana, a moral coibiu a sexualidade de forma que o único local moralmente próprio para o sexo era dentro do quarto do casal, com o simples fim de procriar:

[...] A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo.

Notamos, através de Foucault (2015), que as pessoas do século XIX, em especial as mulheres, não poderiam expressar sua sexualidade de forma alguma fora do casamento. Qualquer assunto relacionado ao sexo deveria ser marginalizado e excluído das conversas, fazendo com que sua única função fosse a procriação, e não permitindo que o prazer fosse um uso considerável.

Ao conhecer Adèle em *Thornfield*, a menina pede para cantar uma música e após ouvi-la, Jane Eyre se surpreende com o tema:

[...] Tratava-se da história de uma dama abandonada, que vendo a perfídia do amado chama o orgulho em seu auxílio; deseja que ele a veja nas suas joias mais brilhantes e em seus mais ricos trajes, e resolve encontrar um falso amante no bar daquela noite, para provar-lhe, pela sua alegria e indiferença, quão pouco o abandono dele a afetou. (BRONTË, 2014, p. 147)

As impressões de Jane a respeito do que havia acabado de ouvir foram que:

O tema parecia estranhamente inadequado para uma criança cantar. Imagino que o ponto alto da exibição consistia em ouvir as notas de amor e ciúme cantadas pela voz suave de uma criança. Mas era de muito mau gosto, pelo menos assim me pareceu. (BRONTË, 2014, p. 147)

Por ter convivido com a mãe quando mais nova na França, Adèle deve ter frequentado locais onde haviam apresentações com temas adultos, que, na opinião



de Jane Eyre, não eram apropriados para uma criança, segundo a moral vitoriana e seus próprios princípios.

Torna-se perceptível, através de Adèle, alguns elementos que nos fazem considerar sua mãe uma *femme fatale*, que seduzia os homens para alcançar determinados objetivos. No caso de Rochester, conseguiu ser sustentada durante o período que estava com ele. Além disso, fez com que Rochester adotasse Adèle como sua filha, mesmo duvidando da paternidade, conseguindo melhores condições de vida para sua filha.

Destacamos ainda que o destino de Celine, que foi abandonada por Rochester após o trair, pode ser visto como punição aos seus comportamentos desregrados. Ao comparar as consequências de suas decisões às de Jane, notamos que esta vence por não buscar uma vida ligada à sexualidade e, portanto, sendo mais aceita pela sociedade.

A busca por autonomia das *femme fatale* poderia ocorrer de diversas formas, visto que estas mulheres eram as que conseguiam viver mais independentes das amarras sociais da época. Apesar de terem que lidar com dificuldades relacionadas à exclusão social por parte das pessoas mais ligadas à religião, elas tinham mais liberdade para viver da forma que quisessem, independentemente da aceitação social, tornando-se assim, mulheres com personalidades subversivas, em oposição aos “anjos do lar”.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da presente pesquisa, percebemos que, antes mesmo da percepção da existência de uma imposição de padrão de mulher na sociedade, já haviam mulheres que resistiam, não se deixando coagir pelo que era determinado pelas normas sociais, que ditavam como uma mulher deveria se portar, o que deveria almejar ou até de que forma deveria seguir sua própria vida.

A partir de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, buscamos contribuir para futuras pesquisas sobre o romance inglês do século XIX, no período de vigência do reinado da Rainha Victoria, além de desenvolver um estudo sobre a educação feminina na Era Vitoriana e, através do romance *Jane Eyre*, identificar os sujeitos femininos que subvertiam o perfil considerado ideal de mulher durante o período, chamado de *anjo do lar*.

Identificamos no romance, portanto, algumas figuras femininas que se opõem ao anjo: a preceptora, que luta pelo seu lugar no meio social; a louca, que não aceita sentir-se presa a uma figura masculina; e a *femme fatale*, cuja vida pode ser considerada mais livre, e que, assim como a preceptora, busca por autonomia.

Além da identificação das personagens femininas subversivas da época em estudo, também percebemos a importância da valorização da educação feminina, que sofreu relutância a princípio, talvez por medo de que, a partir de uma educação de qualidade, as mulheres assumissem o mesmo espaço social e intelectual que os homens, o que nos faz perceber a fragilidade da masculinidade criada através dos séculos.

Para compreendermos melhor a construção histórico-social das concepções de inferioridade feminina e dessas personagens, se faz necessário um futuro estudo mais aprofundado, através de outras pesquisas sobre o tema. Utilizando outras obras de autoras da época que acompanham as histórias de personagens como as aqui descritas, pretendemos, por meio da literatura, estabelecer os fatores que contribuíram para a aceitação e permanência dessas imposições sociais sobre as

mulheres da Era Vitoriana, assim como padrões diferentes em épocas anteriores ou posteriores ao século XIX.

## REFERÊNCIAS

BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. Trad. Doris Goettems. Edição bilíngue. ed. São Paulo: Landmark, 2014. 656 p.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain (org.). **Dicionário de símbolos**: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução: Vera da Costa e Silva [et al.]. 28. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015. 998 p.

DENNIS, Barbara. **The Victorian Novel**. Cambridge: University Press, 2000. 128 p.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015. v. 1.

GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan. **The Madwoman in the Attic**. 2<sup>nd</sup> Revised. ed. Connecticut: Yale University Press, 2000. 762 p.

GREENBLATT, Stephen et al, (ed.). **The Norton Anthology of English Literature**. 8. ed. New York: W. W. Norton & Company, 2006. 3072 p. v. 2.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. 2. ed. rev. São Paulo: Editora 34, 2009. 240 p.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. rev. e aum. São Paulo: Cultrix, 2004. 528 p.

MONTEIRO, Maria Conceição. **Figuras errantes na época vitoriana**: A preceptora, a prostituta e a louca. Revista Fragmentos, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 61-71, jul. – dez. 1998. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/6038/5608>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

MORAIS, Flávia Costa. **A evolução da modernidade na filosofia e na literatura**: A literatura vitoriana como tradição moralizante no ensino de uma época. Orientador: Prof. Dr. Hermas Gonçalves Arana. 1999. 147 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 1999. Disponível em: [http://taurus.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/253443/1/Morais\\_FlaviaDomitilaCosta\\_M.pdf](http://taurus.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/253443/1/Morais_FlaviaDomitilaCosta_M.pdf). Acesso em: 20 nov. 2019.

MORAIS, Flávia Costa. **Literatura vitoriana e educação moralizante**. 1. ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2004. 104 p.

PATMORE, Coventry. The Prologue. In: \_\_\_\_\_. **The Angel in the House**. 2. ed. Londres: John W. Parker and Son, 1858. p. 163-165. v. 3. Disponível em: <<https://www.bl.uk/collection-items/coventry-patmores-poem-the-angel-in-the-house>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

PRAÇA, Fabíola Silva Garcia. Metodologia da Pesquisa Científica: Organização estrutural e os desafios para redigir o trabalho de conclusão. **Revista Eletrônica “Diálogos Acadêmicos”**, [S.l.], n. 1, p. 72-87, jan. – jul. 2015. Disponível em: <[http://uniesp.edu.br/sites/\\_biblioteca/revistas/20170627112856.pdf](http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170627112856.pdf)>. Acesso em: 27 nov. 2018.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A Pesquisa Científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. cap. 2, p. 31-32. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

VASCONCELOS, Sandra Guardini. Sétima lição: O romance feminino do século XVIII. In: VASCONCELOS, Sandra G. **Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII**. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002. cap. 7, p. 103-115.

WATT, Ian. **A ascensão do romance**. 1. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1990. 280 p.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos das mulheres**: O primeiro grito feminista. São Paulo: Edipro, 2015. 271 p.

WOOLF, Virginia. As mulheres e a literatura. In: WOOLF, Virginia. **A arte do romance**. 1. ed. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2018. p. 103-115.

WOOLF, Virginia. Profissões para mulheres. In: \_\_\_\_\_. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Edição de bolso. ed. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2012. p. 9-19.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. 1. ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014. 190 p.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer ao fim de um trabalho como este parece ser uma tarefa simples, porém acredito ser uma das mais complicadas, não por alguma dificuldade de saber a quem agradecer, mas por não parecer ser o suficiente a nenhuma das pessoas que estiveram ao meu lado, me apoiando durante um período que às vezes parecia tão difícil de concluir.

Aos meus pais, dona Nena e seu Severino, agradeço mais que qualquer outra pessoa no mundo, por todo o amor e por me possibilitarem a alcançar tantos objetivos importantes em minha vida e me acompanharem, incentivando a sempre buscar o melhor e a me tornar quem sou hoje. Lhes devo todas as conquistas de minha vida. Vocês são a melhor parte de mim.

À minha família: tios e tias, avôs e avós por todo o carinho; a meus primos e primas, em especial a Julio, Nathan e Marinaldo, por serem os irmãos que não tive.

Aos meus amigos de escola, que me acompanham até hoje (Débora, Gabi, Murilo, Letícia, Rawane), não apenas na universidade, mas em todos os momentos importantes de nossas vidas.

Aos amigos que a universidade me proporcionou (Alan, Azemar, Bianca, Bruna, Daniel, Eduardo, France, Gabi, Kalini, Marcelo, Mazé, Nath, Selton), ao Centro Acadêmico de Letras, ao Centro Acadêmico de História, ao Coletivo Violeta Formiga, e a todos os meus colegas de turma, por contribuírem para que eu tivesse uma experiência tão incrível nessa universidade.

Aos meus alunos, que me ajudaram a perceber que a docência era o caminho certo a seguir.

A todos os professores e professoras que contribuíram de alguma forma para a minha formação acadêmica, em especial ao meu orientador, prof. Auricélio, pelas orientações e indicações e por me fazer interessar por um tema tão importante quando este para mim hoje; ao prof. Vilian, por me apresentar à literatura inglesa em suas mais belas formas; e à prof.<sup>a</sup> Isabela, por aceitarem fazer parte da minha banca.

A todos que permanecem juntos a mim, muito obrigada!